Ágora
Palestra

O CINEMA QUE NOS UNE.
AS CO-PRODUÇÕES CINEMATOGRÁFICAS NA PENÍNSULA

O CINEMA QUE NOS UNE. AS CO-PRODUÇÕES CINEMATOGRÁFICAS NA PENÍNSULA

JAVIER REMEDIOS

Tinha saído do trabalho havia pouco. Ia andando pelo parque e pensando, um antigo colega de escola fez-me sinal e nem sequer fiz caso. Quando acabei o passeio, encontrei-me com o meu amigo Fernando. Depois de um abraço forte, contou-me que na Filmoteca da Extremadura havia um encontro hispano-português que tratava de co-produções cinematográficas.

- É um tema de facto interessante. Tens alguma coisa que fazer?

- É isso do *Ágora*, não é?

- Sim, é organizado pelo Gabinete de Iniciativas Transfronteiriças. Chamam-lhe *Ágora Palestra*, um termo curioso, não achas? Será uma mesa redonda com muita luta e debate.

- Tipo "Gladiador". E quem é que se bate?

- Creio que há de tudo. É María José López que modera. Participam um produtor, um político, um realizador, um historiador, um professor... pode ser interessante. Para além disso, depois projectam "Capitães de Abril". Nunca o viste? É o filme que realizou Maria de Medeiros. Vi-o no Festival de Valladolid. O da Revolução dos Cravos. Traz-me muitas lembranças...

- Eu era muito pequeno, Fernando. A revolução portuguesa apanhou a família inteira em Elvas a comprar toalhas. Começaram a entrar tanques pelas ruas. Através de altifalantes avisaram todos os espanhóis que deviam sair pelo

Caia e ir para Badajoz, pois em breve fechariam a fronteira... Agora que o dizes, li qualquer coisa no jornal esta manhã... Não me importava de ir.

Descemos a rua San Pedro até à Praça de San Juan, confesso que com o meu passo largo o arrastava a toda a pressa. Enquanto ele fumava, não parávamos de falar de co-produções.

- Repara, Fernando, com o perto que estamos de Portugal e sempre lhes virámos as costas e eles nos ignoraram. Se nos aliássemos podíamos ser um pouco mais fortes.

- Fizeram-se bastantes co-produções, mas não funcionaram bem. Mais precisamente, creio que funcionam melhor as nossas ali que as deles aqui.

- As co-produções têm sempre um não sei quê que as torna mais fracas.

- Para além disso, têm de optar por uma língua. E depois traduzir as outras línguas.

- São como torres de Babel.

- Há sempre excepções, claro. Repara nos filmes de Sergio Leone.

- Os *spaguetis*?

- "A morte tinha um preço" ou "O bom, o feio e o mau" foram co-produções europeias que foram longe e até contaram com um certo beneplácito da crítica.

- É verdade, agora esses filmes são considerados melhores do que então.

- Javierito, tu és muito novo, mas com certeza que não te esqueces de que muitos dos filmes da época de Carmen Sevilla se faziam assim. Recorriam a esta fórmula para a acasalarem com algum galã: RafVallone em "A vingança", de Juan Antonio Bardem, um filme hispano-italiano; ou, várias vezes, com Jorge Negrete, que abriu a senda hispano-americana.

- Isso é da época de Franco. Que acontecia, o Ministro dos Negócios Estrangeiros dedicava-se a acasalá-la?

- Não é exactamente assim, mas também não anda longe disso... Sabias que Imperio Argentina e o seu marido, Florián Rey, aceitaram um convite de Joseph Goebbels, ministro da propaganda de Hitler, para a UFA, a produtora de cinema nazi? Rodaram "Carmen de Triana" em 1938, na Alemanha. Aí por essa época, Imperio trabalhou em Itália na "Tosca", cuja rodagem foi iniciada pelo grande Renoir...

- Mas, já chegámos!

Quando nos demos conta, estávamos precisamente em frente do pórtico da Igreja de la Preciosa Sangre.

A ENTRADA. A entrada para o edifício era muito, muito alta. Depois de umas escadas empinadas com uma cadeira-elevador para vencer as barreiras arquitectónicas – ao Fernando e a mim recordou-nos a que usava Charles Laughton em "Testemunha de acusação", de Billy Wilder – um corredor abobadado fazia de vestíbulo.

O ambiente era magnífico. Estavam por ali os organizadores do Festival de Cinema Ibérico de Badajoz, uma referência clara no mundo das curtas metragens hispano-portuguesas. Também havia mestres no ensino do cinema em Cáceres, os membros de uma distribuidora de curtas metragens através da Internet, alguns representantes da revista de cinema *Versión Original*, aficionados, muitos jornalistas e organizadores.

Dado o atraso de um dos convidados, foram-se formarando grupos à mesa e puxaram-se conversas sobre cinema. O professor Paco Tovar contou aos do nosso círculo a anedota de que ele e eu fomos os únicos a "papar" o filme *Armenia* no antigo cinema Capitol. Acabou por descobrir que tinha dado aulas de Língua Espanhola na Faculdade a uma das nossas companheiras. Nesse momento a televisão entrevistava Eliseo Cabral, um dos convidados portugueses. Fernando separou-se de nós para interrogar Alejandro Pachón sobre a homenagem a Robert Bresson que aparecia no último filme de Bertolucci.

O cinema em Cáceres dava que falar.

María José López, directora da Filmoteca da Estremadura, recebeu-nos e disse-nos que seria ela a moderadora.

A ANFITRIÃ. -Agradeço ao Gabinete de Iniciativas Transfronteiriças que tenha consagrado um espaço à cinematografia, nestas jornadas de aproximação entre Espanha e Portugal.

Diga-se de passagem que não há a menor dúvida de que é uma actividade muito importante no processo de construção dos alicerces, conteúdo e direcção que deve levar a cabo a nova instituição que ela representa. *Ágora Palestra* é uma das secções das jornadas anuais de aproximação entre os dois países, aquela que se destina ao debate através de uma mesa redonda. Neste caso, com o título: "O cinema que nos une. As co-produções cinematográficas na Península".

- Fernando! – sussurrei-lhe, dando-lhe com o cotovelo – parece que a María José vai ganhando prática nisto, não achas?

- Não há dúvida de que está brilhante. Com que paixão e entrega está a dirigir a Filmoteca! Penso que está a fazer a apresentação com uma grande simplicidade e liberdade. Parece-me muito gira... com esse casaquinho de couro vermelho.

- Procurarei que as intervenções não se alarguem, não gostaria de mostrar cartões, declarou à assistência María José, que também é grande aficionada de futebol.

Apresentou-nos o primeiro conferencista, Salvador Augusti, encarregado da cooperação da Televisão Espanhola em co-produções cinematográficas, para além de ter dirigido o Festival de Cinema Hispano-americano de Huelva e ser actualmente professor da Escola de Cinematografia e Audiovisuais da Comunidade de Madrid.

- Não achas que os devia ter apresentado a todos primeiro e passado a palavra depois? – perguntou-me a pessoa que estava no lado oposto ao Fernando.

- Acho que sim. A primeira coisa a fazer é apresentar os convidados e depois passar a palavra. Mas não tem importância. Assim é mais rápido.

O PERITO. À maneira de *intermezzo* distribuiram umas fotocópias que continham dados acerca da panorâmica actual do cinema no mundo e os *rankings* dos filmes mundiais e europeus distribuídos na Europa. Salvador apresentou-nos a situação do cinema europeu em relação ao dos EUA.

- A Europa produz mais cinema, mas os Estados Unidos contam com

muito mais écrans. A população é menor, mas está mais habituada ao consumo de cinema. O negócio do cinema radica principalmente no volume de bilhetes vendidos. Na Europa três quartas partes do cinema que se vê é dos EUA e a outra quarta parte é repartida entre um determindo país e, em pequeníssima percentagem, os demais países do mundo. Em França, um filme espanhol tem que competir com o resto dos países do mundo por 9,3% do total que lhe deixem os filmes americanos e franceses. 75% dos espanhóis vê cinema dos EUA, 14% vê cinema espanhol e os restantes 11%, o resto do cinema: filmes franceses, italianos, alemães, ingleses, chineses, iranianos, mexicanos, argentinos, canadianos...

Assim, a maneira de rentabilizar o nosso próprio cinema é unirmo-nos a outros países para entrar na quota do mercado autóctone, tendo tantas expectativas de mercado quantos os países que intervierem na co-produção. Na Europa existem incentivos para co-produzir, mas o problema está no próprio mercado.

Num dos quadros observamos que o filme europeu com maior sucesso de bilheteira na Europa de 1996 a 2002 foi "O diário de Bridget Jones", embora se tratasse de uma co-produção com os Estados Unidos. Das cinco primeiras, mais duas tinham este formato ("James Bond" e "Mr. Bean") e as duas restantes eram apenas de nacionalidade britânica ("Nothing Hill" e "The full monty").

- Estás a ver, Fernando!, os Estados Unidos não só invadem o écran directamente, mas também através de co-produções, que imperialistas! – disse para o Fernando em voz muito baixa.

Maria José apresentou o conferencista seguinte, que era Eliseo Cabral de Oliveira, director do Instituto de Cinematografia de Portugal, uma das maiores autoridades do país vizinho nesta matéria.

O POLÍTICO. - Uma das causas principais é a queda do *star system* europeu – começou Eliseo Cabral, que falou sempre em português.

- Outra causa poderia ser o grande problema que existe hoje em dia na distribuição. O acordo luso-espanhol de 1998 sobre as co-produções cine-

matográficas dos dois países fez com que se investisse mais nesta fórmula, mas o resultado nas audiências espanhola e portuguesa foi muito pouco. A distribuição dos filmes espanhóis em Portugal é muito difícil – exceptuando alguns nomes como Trueba ou Almodóvar – e requer grandes investimentos publicitários. Os filmes portugueses em Espanha padecem dos mesmos problemas. Assim, estão a ser realizados acordos bilaterais com outros países da Europa para facilitar a distribuição dos filmes dos restantes países comunitários.

A realidade é que cinematografias com o peso da italiana preferem acordos de distribuição feitos directamente com a Inglaterra, mas estão a tentar também com a França e a Espanha. Custa muito a Portugal entrar nestas sinergias por ser um país muito pequeno, mas a verdade é que beneficiaria muito com estes pactos. Os produtores portugueses são minoritários e custa-lhes muitíssimo competir nesse mercado da distribuição.

- É primordial que, na Europa em geral, e em cada país em particular, se façam campanhas destinadas a um maior consumo de cinema europeu – comentou-nos o director da cinematografia vizinha. O cinema de cada país conquistaria uma grande quota de mercado no seu território. A enorme diversidade cultural e de línguas faz com que o entendimento dos filmes seja diferente. O último filme de Manoel de Oliveira teve um grande êxito no festival de Veneza, foi longamente aplaudido no dia da sua estreia; mas o mesmo filme projectado em Toronto provocou hilariedade em certas cenas dramáticas...

- Em resumo – concluiu Eliseo Cabral –, há que potenciar o consumo da cinematografia própria do país, criar relações com os seus vizinhos e conseguir um entendimento mais forte com Espanha. Para além disso, ampliar o mercado e potenciar as relações com o Brasil e alguns países de África.

- Fernando, custou-me imenso entender a língua.

- E a mim. Fala muito depressa – repondeu-me.

- Não teria sido má ideia umas legendas – proferiu uma rapariga que estava atrás de mim.

- Psiu...

- Agora é a vez de Alejandro Pachón, Director do Festival Ibérico de

Cinema de Badajoz, historiador e professor de cinema – disse a Directora da Filnoteca para apresentar o convidado seguinte – Alejandro!

O HISTORIADOR. Historicamente, foram poucas as relações com o nosso país vizinho, e não só em cinema. Portugal, pela sua condição de país atlântico, possui outro tempo. É um território em que coexistem muitas raças diferentes, sendo culturalmente mais rico em etnias e mais poliglota.

- A falta de dinheiro para fazer face a filmes de certa envergadura deu azo a co-produções de Espanha e Portugal duplicadas quanto à língua – disse Alejandro Pachón de maneira ritmada. Em 1936, o filme "As três graças", de Leitão de Barros, foi dobrado nas duas línguas, mas aqui não chegou a estrear-se senão muito tempo mais tarde devido à Guerra Civil Espanhola. A produtora espanhola Cifesa aliou-se com outras produtoras portuguesas para fazer face à realização de filmes históricos. "Inês de Castro" e a "Rainha Santa" tiveram duas versões, tanto na dobragem como na censura. Foram protagonizadas pelo galã português Antonio Vilar, uma espécie de Charlton Heston ibérico...

- Com Alicia Palacios, a primeira e com Maruchi Fresno, a segunda. Muitos filmes de hoje gostariam de ter o impacto popular que teve a "Rainha Santa". Um modelo exemplar do nacional catolicismo – sussurrou-me Fernando com certa ironia. Entretanto, Alejandro Pachón continuava a instruir-nos.

- ... Eduardo Garcia Maroto levou a cabo muitas iniciativas como "A mantilha de Beatriz", que teve muito êxito, mas ficou aquém das expectativas. José Gutiérrez Maeso filmou "Terça-feira Treze" com a intenção de abrir o mercado, mas acabou por fazer *westerns* em Almería. Em contrapartida, para quem melhor funcionaram as co-produções foi para o realizador maldito espanhol Jesús Franco, cuja temática entre o erotismo e o "gore" tinha muitos adeptos. Duplamente dobrados foram "Sinfonia erótica" e "Violação inconfessável", entre outros títulos rodados em Portugal. Acrescente-se a este, Armando de Osório, realizador português de filmes de terror que também funcionaram muito bem.

Já nos anos oitenta – continuou Pachón, a produtora do realizador alemão Wim Wenders, Road Movies Films, começou a rodar em Portugal : "Lisbon Story", "O estado das coisas". Isto, unido às produções de Alain Turner, fez com que se desviassem bastante as relações com o nosso país. As mais recentes co-produções com Espanha foram "Belle Époque", "O cão do Hortelão", "Lisboa", "Juana a Louca", "Rosa da China", "A Viagem de Carol", "O mistério Galíndez"... uma série de títulos em que a participação portuguesa é pequena, mas em que se assegura que as rodagens exteriores sejam feitas ali.

- Fernando, que filme é esse, "Rosa da China"? – perguntei-lhe.

- Um de uma realizadora chilena, com Juan Luis Galiardo – respondeu-me.

A conclusão é que este sistema não funcionou bem, apesar do grande talento português. Talento para considerar a curta metragem não como uma iniciação, mas como género, o que aumenta os grandes dotes criativos. Um dos recursos mais importantes em Portugal é o cinema de animação, em que são autênticos mestres.

Coube a vez a Javier de Castro, que foi produtor de "Capitães de Abril", realizado por Maria de Medeiros. Co-produção muito dispendiosa, em que participaram quatro países.

O PRODUTOR. - Maria de Medeiros escreveu o guião em 1990. Em 1996 encontrou um produtor francês que tentou buscar um produtor espanhol para a co-produzir. O filme teve vinte e sete fontes de financiamento em quatro países diferentes. Isto complicou-se com as vendas prévias às televisões, os distribuidores e os sócios locais. Em 1999, começou a produção, tendo surgido grandes problemas de carácter jurídico, pois obrigavam a ter nas equipas técnica e artística representantes de cada país. O grosso da equipa era portuguesa, uma parte importante espanhola e uma parte reduzida – um único actor – italiana. Foi rodado em Portugal. Tratou-se de uma rodagem muito longa e complicada, que desembocou na seguinte pós-produção: foram realizadas quatro versões diferentes em quatro línguas diferentes para quatro institutos cinematográficos de quatro países. Na rodagem,

cada actor falava na sua própria língua, o que dá uma ideia da dificuldade da direcção. A produção durou dois anos, foi subsidiada por um fundo europeu e pelo programa Ibermedia, para co-produções entre Espanha, Portugal e a América Latina...

Interrompeu-se um pouco a sessão porque chegou o convidado de quem se estava à espera...

- ... Estreou em Cannes no ano 2000, o êxito foi muito variado. Em Portugal teve trezentos mil espectadores, embora o argumento não tivesse sido perfeitamente entendido. Em França, no entanto, funcionou muito bem devido, em parte, a uma comunidade portuguesa muito ampla. Em Itália estreou dois anos mais tarde e passou despercebido.

María José apresentou o convidado seguinte, António Pedro Vasconcelos. Realizador de cinema português. Na sua obra destaca-se o filme "Jaime", que foi Prémio Internacional do Júri no Festival de Cinema de San Sebastian.

O REALIZADOR. Depois de se desculpar pelo seu atraso, disse-nos que tinha vindo apenas para dizer que não existe colaboração entre Espanha e Portugal, apesar de sermos vizinhos.

- Assim, como já disse tudo o que tinha a dizer, vou-me embora – comentou em tom jocoso.

- Com a Comunidade Económica fizeram-se grandes intercâmbios, mas não no cinema. O cinema espanhol não é conhecido em Portugal e o Português também não o é aqui. O êxito das co-produções baseia-se principalmente nos actores, elemento essencial para a promoção. Nos anos 70, José Fonseca e Costa fez filmes com Asumpta Serna ("A balada da praia dos cães") ou com Victoria Abril ("Sem sombra de pecado"), mas foi uma experiência sem continuidade.

Embora pareça mentira, um dos problemas graves em Portugal é não haver dobragem. Para Vasconcelos, isso não é uma virtude, é uma tragédia. Fez-nos uma introdução comparativa entre as ditaduras de Franco e Salazar.

- Salazar chegou ao poder em 1928, isto implica que o fascismo portu-

guês coincide com a chegada do cinema sonoro. Por conselho do seu Ministro da Cultura não incitou à dobragem, devido aos custos que isso implicava. Para além disso, o analfabetismo português teve influência na decisão, uma vez que, ao não serem dobrados os filmes estrangeiros, os espectadores tinham de haver-se com as legendas. Se as pessoas não soubessem ler, não os consumiam. Desta forma, os portugueses não tinham contacto com outras culturas ou com valores democráticos que lhes pudessem chegar através do grande écran. Esta censura fazia com que setenta por cento dos portugueses não fossem ao cinema.

Contou como anedota que em algumas famílias, quando iam ao cinema, um dos seus membros lia as legendas em voz alta para todos os demais.

- O cinema que então se fazia em Portugal era um cinema político. Os filmes eram produzidos pelo próprio estado, o Estado Novo, e exaltavam os valores próprios do regime. Adaptaram-se os clássicos mais inóquos mas, ao mesmo tempo, mais populares. A afluência às salas começou a crescer devido às pessoas não terem que ler os filmes. Este propagandismo e controle do meio provocou o não desenvolvimento do cinema português. Em Espanha, Franco introduziu a dobragem por razões políticas, para potenciar a unidade da língua e para combater os nacionalismos. Esta consideração negativa desembocou na criação de uma indústria e no seu desenvolvimento.

O seu filme "Jaime" foi exibido pela primeira vez em Espanha no Festival de San Sebastian. Quando um distribuidor o comprou, Vasconcelos insistiu para que fosse dobrado, mas isso não aconteceu; embora tivesse tido êxito junto da crítica, as projecções destinaram-se a "uma salinha em Madrid e a uma salinha em Barcelona".

- Os filmes não dobrados entram num circuito de arte e ensaio porque nunca chegam a ser maciçamente visionados. O mercado está tomado pelos filmes dobrados, muito mais populares. A tendência da Europa, exceptuando a França, é criar uma bi-polarização: público de filmes norte-americanos e público de filmes nacionais, criando-se uma dificuldade enorme quando se trata de fazer circular filmes de outras nacionalidades. Uma das soluções, para além da dobragem, deveria ser criar um festival de cinema ibero-americano para a convivência entre os dois países, talvez ampliando o Festival

de Badajoz. As televisões são outro grande problema. Criando laços e intercâmbios entre as cadeias públicas de televisão, favorece-se a divulgação. Criar salas de cinema português em Espanha ou de cinema espanhol em Portugal. Provocando assim o êxito de algum filme no outro país.

A sua visão é um tanto contrária ao que aqui sempre defendemos. Não obstante, disse, "as legendas são um atentado contra os filmes. Há que ver os filmes em versão original, nem dobrados, nem legendados".

A PALESTRA. Mal houve debate devido ao atraso de Vasconcelos, às longas exposições de cada um dos convidados e à programação do filme "Capitães de Abril", cujos espectadores começaram a irromper pela sala... o que provocou o final da sessão.

Só se puderam fazer duas perguntas: sobre a existência de um mercado entre o Brasil e Portugal e sobre os maiores êxitos de bilheteira do cinema português.

Eliseo Cabral começou por comentar que custa muito aos brasileiros entender a língua portuguesa e que estão a tentar dobrar os filmes portugueses para entrarem no mercado brasileiro. O filme mais visto em Portugal foi "Tentação", mas seguido de perto por "Jaime".

Também fez perguntas durante as exposições de outros, sobretudo na de Vasconcelos, seu compatriota.

- Em Portugal é muito importante o apoio das televisões privadas, para além do das instituições. A promoção é um factor muito importante. Para que o cinema penetre na audiência, é necessária uma grande campanha. Quanto à dobragem, António Pedro de Vasconcelos tem bastante razão, para dar um exemplo: os desenhos animados são vistos pelas crianças ou com legendas ou, o que é pior, dobrados em brasileiro. Os filmes mais vistos em Portugal são de nacionalidade americana, com legendas. Isto faz com que as pessoas se habituem a uma pronúncia muito específica da língua inglesa. É muito difícil que um português vá ver um filme alemão com legendas, se estivesse previamente dobrado em inglês seria diferente. Por isso, estão a começar a dobrar-se os filmes em inglês para a sua distribuição no resto dos países e para a sua penetração comercial noutros mercados.

António Pedro Vasconcelos não acusou o toque e rebateu o político do seu país.

- É verdade que a promoção é muito importante, mas se um filme não tiver interesse junto do público, não há nada a fazer. Em Portugal o Estado é o único com poder de decisão, é ele que decide quem e quando. O meu filme "O lugar do morto" foi o mais visto até que fizeram "Tentação", trezentos mil espectadores, e "Jaime", duzentos e quarenta mil, também meu. Dois anos depois, dezasseis filmes fizeram uma média de cinco mil espectadores, em Portugal é esta a média. O último filme que estreou teve sessenta e oito. O que dá uma ideia do absurdo da política de subsídios do Estado Português, apenas com financiamento público...

... Quanto à dobragem, está a entrar através da televisão, já que as pessoas não querem ler legendas. Começaram a ser emitidas séries brasileiras que tiveram um grande êxito. Os dirigentes da televisão estão cegos. Há dois canais públicos em Portugal, no primeiro canal deviam passar fimes dobrados e no segundo com legendas.

Vasconcelos concluiu que, com a chegada do DVD, o ver cinema será mais democrático, alcançar-se-á uma revolução.

María José López deu por terminado o debate.

A SAÍDA. Como todos os bons aficionados do cinema, ao acabar a sessão demo-nos ao luxo de fazer a nossa própria crítica. Quantas vezes, ao sairmos, rotulámos um filme de lento ou mau? Ora, como se fôssemos peritos na matéria!...

Uma coisa estava clara: debate, aquilo que se chama debate, não tinha havido. Mas estas jornadas são muito necessárias para conhecermos os interstícios do cinema... que não é tão bonito como o pintam, para construir os alicerces da nova filmoteca e para partilhar com os bons amigos a nossa paixão comum favorita: o cinema.

- Fernando, vamos tomar uma imperialzinha.

E juntámo-nos uns quantos, e continuámos a falar de co-produções. Porque, ao fim e ao cabo, era disso que se tratava. ❖